

LUÍS BATALHA

BREVE ANÁLISE SOBRE O PARENTESCO  
COMO FORMA DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS

LISBOA  
1995

---

**BREVE ANÁLISE SOBRE O PARENTESCO COMO  
FORMA DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL**

*pelo Dr. Luís Batalha*

---

## 1. A importância do Estudo do Parentesco

O estudo dos sistemas de parentesco assume grande importância no trabalho dos antropólogos, pois as culturas por eles estudadas pertencem, na sua maioria, a uma categoria de sistemas sócio-culturais em que as relações de parentesco são a principal forma de organização social.

Para compreender a rede de relações sociais, o antropólogo necessita conhecer a terminologia parental, assim como as regras de comportamento subjacentes a cada um dos termos empregues. Ao longo dos muitos estudos, os antropólogos concluíram que existem universalmente dois princípios mentais subjacentes à organização social de qualquer grupo doméstico: a *afinidade* e a *filiação*. O primeiro traduz a relação de parentesco estabelecida entre dois grupos sociais distintos, através do casamento de um homem com uma mulher, sendo um de cada grupo. Deste modo o casamento não significa apenas a ligação entre duas pessoas, mas também dos grupos a que elas pertencem. O princípio da *filiação* traduz uma relação consanguínea, isto é, agrupa as pessoas que partilham entre si o mesmo património genético (pais, filhos, avós, irmãos, etc.).

O parentesco é assim o resultado da conjugação de dois princípios: *afinidade e consanguinidade*. E o seu estudo deve começar pelas categorias *emic* (ver Harris 1968:568) do quotidiano doméstico, ou seja, as designações adoptadas pelos parentes uns em relação aos outros.

Os antropólogos sociais britânicos aplicam o termo *descendência* a apenas relações que se estendem por mais de duas gerações (netos-avós), e usam o termo *filiação* para designar relações dentro de família nuclear (pais-filhos) (Fortes 1969).

## 2. A Filiação

As relações de parentesco são muitas vezes confundidas com relações biológicas. O casamento pode, por exemplo, estabelecer uma relação de parentesco entre uma criança e um «pai» geneticamente não relacionado. Malinowski apercebeu-se disso ao estabelecer a diferença entre o *pater* e o *genitor*, sendo o primeiro um pai social e o segundo o pai genético.

Deste modo, as relações parentais não assentam numa base estritamente biológica.

O conceito de descendência, em sentido *emic*, representa a crença de que certas pessoas desempenham um papel importante na concepção, nascimento e educação das crianças (Harris 1980). Todas as sociedades possuem uma «teoria» sobre o fenómeno da reprodução (Scheffler 1973). A descendência implica a preservação de alguns caracteres do espírito popular nas gerações futuras, representando assim uma forma simbólica de imortalidade (Craig 1979). Talvez por isso o parentesco e a descendência sejam uma instituição universal.

Na tradição popular Ocidental (greco-romana), o papel da mulher e do homem na procriação é visto de maneira igualitária; o sémen é a semente, enquanto o útero representa a terra. Isso quer dizer que os filhos estão igualmente aparentados com ambos os pais, através do fluxo sanguíneo, o que leva à distinção entre parentes consanguíneos e afins.

Esta visão popular levou os antropólogos do séc. XIX a usar o termo consanguíneo para traduzir relações de filiação. Consanguíneo é, portanto, uma designação etnocêntrica (faz parte dos componentes *emic* da tradição europeia ocidental).

Porém, quando abandonamos a nossa área cultural, logo deparamos com exemplos em que a importância dada ao homem e à mulher na procriação são bastante diferentes da nossa cultura europeia. Por exemplo, os Ashanti, da África Ocidental, acreditam que o contributo sanguíneo é dado somente pela mãe, o qual determina as características físicas da criança; enquanto a natureza espiritual e o temperamento são produto do sémen do pai. Os Alora, da Indonésia, acreditam que a criança é formada por uma mistura de sémen e fluídos menstruais. Noutras sociedades, acredita-se que o crescimento lento e gradual do feto resulta das repetidas inseminações através do coito durante a gravidez. Entre os TAMIL da Costa do Malabar, Índia, o desenvolvimento do feto é tido como contributo do sémen de vários homens. Por último, os Trobriand acreditam que o papel do homem é apenas o de abrir a passagem, através da vagina, para que a criança e o seu espírito saiam de dentro da mãe.

Entre os aborígenes australianos, o papel do homem na criação é menosprezado, sendo exemplo disso os Murngin.

Contudo, e apesar de todas as diferenças quanto à importância e papel do homem e da mulher na criação, encontra-se por toda a parte um conjunto de elementos definidores da implicação do par conjugal no fenómeno reprodutivo. O que varia de sociedade para sociedade são os direitos e obrigações face às crianças.

### 3. Regras de Filiação

As diferenças nas designações e relações de parentesco correspondem a outras tantas diferenças nos direitos e deveres dos indivíduos que constituem o núcleo doméstico.

Consideram-se duas grandes classes de regras de descendência: a *cognática* e a *unilinear*. Cognática é aquela em que tanto o homem como a mulher, e seus respectivos grupos de descendência, são considerados para efeitos de parentesco. O indivíduo, ao nascer, contrai obrigações, deveres e direitos, tanto em relação aos parentes da mãe como do pai. A descendência *unilinear* representa uma forma em que o indivíduo apenas fica

ligado por obrigações, deveres e direitos, a um dos grupos parentais: o do pai ou mãe. A forma mais comum de descendência cognática é a *bilateral*, aquela em que o reconhecimento paterno se faz ao longo de uma linha materna e outra paterna, ligando o *ego* (o eu a partir do qual se estabelece a rede de parentesco) tanto aos descendentes como ascendentes. Outra forma, menos comum, é a descendência *ambilinear*. *Ego* reconhece como parentes pessoas de ambos os lados, tanto materno como paterno, mas apenas alguns de cada um dos lados são considerados parentes, sendo os restantes excluídos. Não há, portanto, simetria entre o lado materno e o paterno, e a linha de parentesco ignora o sexo dos indivíduos.

Quanto à *filiação unilinear* existem duas formas principais: *patrilinear* e *matrilinear*. Quando a filiação é reconhecida patrilinearmente, o *ego* segue a linha de ascendência-descendência exclusivamente através de homens (note-se que isto apenas é válido quando se passa de uma geração para outra, pois na sua geração ele tem parentes de ambos os sexos). Quando a filiação é reconhecida matrilinearmente, o *ego* segue a linha de ascendência-descendência exclusivamente através de mulheres: quando se passa de uma geração para a seguinte, apenas as mulheres transmitem a condição de membro do grupo de parentesco (linguagem ou clã).

Uma das mais importantes consequências da filiação unilinear é a colocação e separação, em grupos diferentes, dos filhos de irmãos de sexo diferente. Isto origina duas categorias de primos: *primos cruzados* (filhos de irmãos de sexo oposto) e *primos paralelos* (filhos de irmãos do mesmo sexo). Apenas os *primos paralelos* (os filhos das irmãs da mãe do *ego*, ou os filhos dos irmãos do pai do *ego*, partilham a filiação com o *ego*, isto é, pertencem à mesma linhagem).

Existe ainda uma variedade adicional de filiação, designada por *dupla filiação*, em que *ego* reconhece, simultaneamente, parentes matrilineares, através de sua mãe, e parentes patrilineares, através de seu pai. Esta forma difere da descendência unilinear, na medida em que existem duas linhas; uma matrilinear, outra patrilinear.

Várias outras combinações destas regras podem ocorrer. Por exemplo, em todas as sociedades existe um certo grau de *bilateralidade* no reconhecimento de direitos e deveres. As modernas sociedades euro-americanas são consideravelmente bilaterais quanto à composição do grupo de parentesco e à transmissão da riqueza e propriedade, e no entanto, os nomes de família são patronímicos (seguem uma linha paterna).

Regras de filiação diversas podem ocorrer também numa mesma sociedade, desde que digam respeito a esferas diferentes de pensamento e comportamento. E uma importante ideia a reter, é a de que os grupos de parentesco não se compõem necessariamente de pessoas co-residentes e, portanto, não constituem sempre um grupo doméstico.

Uma das formas de parentesco bilateral é a *parentela* (em inglês *kindred*). Constitui uma família em sentido lato e é composta por indivíduos de sexos e gerações diferentes, tanto patrilinearmente com matrilinearmente. A sua principal característica é o leque e profundidade das relações bilaterais ser muito abrangente.

O *ego* considera os parentes como próximos ou afastados, conforme o número de ligações genealógicas que os separa de si. Isto sem contudo existir uma regra definida para tal. Uma importante consequência disto é que o *ego* e os seus irmãos são

incorporados numa parentela que não poder ser a mesma para quaisquer outros indivíduos (excepto para os primos duplos do *ego* — primos cujos pais sejam primos entre si).

Assim, torna-se impossível que uma parentela se constitua como grupo doméstico co-residente, e também muito dificilmente se constituirá como grupo corporativo de interesses.

Um outro grupo de natureza cognática, mas de tipo ambilinear, é a *linhagem cognática*, em que a filiação é traçada a partir de um ou mais ancestrais, através de homens e/ou mulheres. Este tipo de linhagem assenta no princípio de que todos os elementos do grupo são capazes de especificar a sua relação genealógica com o ancestral fundador da linhagem. Existe também o *clã cognático*, cujos elementos apenas podem estipular a sua ligação ao ancestral fundador, mas não demonstrá-la. São exemplo, os clãs ambilineares escoceses, em que alguns membros têm nomes diferentes, como resultado da patronímia, e devem demonstrar a sua filiação (Neville 1979).

A outra grande categoria de grupos de filiação é constituída pelos grupos unilineares. Quando a filiação é, de forma sistemática, demonstrada em relação a um ancestral comum, masculino ou feminino, trata-se de uma patrilinearidade ou de uma matrilinearidade, respectivamente. Estamos perante grupos domésticos co-residentes que procuram assegurar interesses comuns. As linhagens que incluem todas as gerações e descendentes colaterais do ancestral fundador designam-se por *linhagens máximas*. Aquelas que apenas abarcam três gerações designam-se por *linhagens mínimas*.

Quando a descendência apenas pode ser estipulada e não demonstrada, o grupo designa-se por *patriclã* ou *matriclã* (conforme o sexo do ancestral). Também é comum utilizar-se os termos *patrisibe* e *matrisibe*.

Existem contudo muitos casos em que se torna difícil distinguir a linhagem do clã. As linhagens podem conter sublinhagens e os clãs subclãs. E um clã é geralmente composto por várias linhagens.

#### 4. Regras de Residência pós-Casamento

Para que se possam compreender os processos responsáveis pela diversidade de grupos domésticos e pelas diferentes ideologias de filiação, deve analisar-se o padrão de residência adoptado após o casamento. Actualmente os antropólogos concordam que é esse padrão que determina as regras de filiação.

As principais regras de fixação de residência são as seguintes (Harris 1980: 278): *neolocalidade* (o casal recém formado fixa uma residência separada tanto dos parentes dele com dos dela); *bilocalidade* (alternam a residência entre os parentes de ambos, passando uma parte do ano com o grupo do marido e outra com o da mulher); *ambilocalidade* (Alguns casais fixam residência junto dos parentes do marido, outros junto dos da mulher); *patrilocalidade* (fixação de residência junto do pai do marido); *matrilocalidade* (fixação de residência junto da mãe da mulher); *avuncolocalidade* (fixação de residência junto do tio materno do marido); *amitalocalidade* (hipótese meramente teórica, em que o casal fixaria residência junto da tia paterna da mulher. Não

foi até hoje encontrado nenhum caso); *uxorilocalidade* (fixação de residência junto da parentela da mulher. É comum combinar-se com algumas formas acima descritas); *virilocalidade* (fixação de residência junto da parentela do marido. É também comum a combinação com algumas formas acima descritas).

As regras de residência pós-casamento influenciam a filiação porque determinam quem entra, sai, ou permanece em determinado grupo doméstico (Murdock 1949; Naroll 1973). O grupo doméstico é constituído por um agregado de parentes, criado pela deslocação de pessoas após o casamento. Por sua vez, o movimento de pessoas é influenciado pelas condições demográficas, tecnológicas, económicas e ecológicas que sustentam as sociedades. As condições político-económicas também contribuem grandemente para a definição de um ou outro tipo de filiação e de residência.

### 5. Causas da Filiação Bilateral

A filiação bilateral está associada a várias combinações de neolocalidade, ambilocalidade e bilocalidade. Estas formas de residência reflectem um elevado grau de mobilidade e flexibilidade das famílias nucleares. Isso torna-se extremamente importante para os caçadores-recolectores, e é característico das *sociedades-bando* (o caso dos !Kung é demonstrativo). O facto da estrutura do *bando* ser flexível permite uma adaptação à variabilidade das condições ecológicas. No caso das sociedades urbano-industriais, a bilateralidade responde adaptativamente às condições de mercado, particularmente do mercado de trabalho assalariado e à substituição da economia familiar pela de mercado.

### 6. Determinantes das Linhagens Cognáticas e dos Clãs

Este tipo de grupos está associado à *ambilocalidade*. Nesta situação, o casal escolhe residir junto dos parentes do marido ou da mulher, mas fá-lo de maneira definitiva (no caso bilocal existe alternância). Isto representa uma forma mais sedentária de vida social, e proporciona o desenvolvimento de interesses corporativos mais fortes.

Contudo, este tipo de organização tem menos potencial para formar unidades corporativas do que os grupos de descendência unilinear.

Os Kwakiutl, da Costa Noroeste dos EUA, são um exemplo de como funcionam as linhagens cognáticas. A pesca do salmão é para eles uma actividade de grande importância económica. E, como forma de aliciamento de mão-de-obra, os chefes de cada aldeia dão grandes festas (potlatch). Cada aldeia é constituída por um chefe e os seus seguidores — com ele relacionados ambilinearmente — formando a uma unidade designada por *numaym*.

### 7. Determinantes das Linhagens e Clãs Unilineares

Enquanto os bandos de caçadores-recolectores apresentam uma tendência para a filiação cognática e/ou residência bilocal, devido à necessidade de se ajustarem às

condições ecológicas locais, e permanecem abertos, flexíveis e não territoriais, o desenvolvimento da agricultura leva ao estabelecimento de aldeias com carácter mais permanente. Quando isso acontece, os grupos domésticos tornam-se corporações de interesses exclusivos.

A densidade demográfica aumenta e as situações de guerra tornam-se mais frequentes, o que contribui para acentuar a unidade e exclusividade do grupo unilinear (Ember, Ember e Pasternak 1974). Michael Harner (1970) demonstrou também que existe uma poderosa correlação estatística entre o aumento da dependência face à agricultura, por oposição à caça-recolocção, e a transformação dos grupos de filiação cognática em grupos de descendência unilinear. Contudo, não se trata de um processo de sentido único, uma vez que pode dar-se uma regressão para formas cognáticas, caso a população decresça ou a guerra cesse. Esse foi certamente o caso dos Kwakiutl, com a diminuição da população após o contacto com os colonos.

Existe uma associação entre as regras de filiação e as de residência: patrilinearidade com patrilocalidade; matrilinearidade e avunculocalidade. Na patrilocalidade, pais, irmãos e filhos formam o núcleo doméstico. Na matrilocidade, mães, irmãs e filhas formam esse mesmo núcleo.

A conexão entre a matrilinearidade e a avunculocalidade é mais complexa. Neste tipo de residência, o núcleo doméstico é formado pelo tio materno e sobrinhos (estes mudam-se para casa daquele quando jovens).

## 8. Causas da Patrilocalidade

A esmagadora maioria das sociedades conhecidas possui formas de residência centradas nos homens; 71% das 1179 classificadas por Murdock (1967) no seu *Ethnographic Atlas* são patrilocais ou virilocais. Na mesma amostra, o número de sociedades que possuem grupos de parentesco patrilineares ultrapassa o das matrilineares (558 contra 164). Portanto, patrilocalidade e patrilinearidade representam o modo estatisticamente mais vulgar de organização doméstica. É o predominante em sociedades agrícolas de arado e animais de tracção, ou pastoris nómadas. Porém, pode também existir em sociedades que vivem da horticultura ou da agricultura-de-queimada (Divale 1974).

Daqui se conclui que nas sociedades pré-estatais o predomínio da patrilocalidade significa que a cooperação entre homens é mais importante do que entre mulheres. Os homens monopolizam as armas de guerra e caça, assim como o controlo político-económico. Provavelmente, a razão para isso está na maior aptidão masculina para o combate corpo a corpo, e na reduzida mobilidade das mulheres durante a gravidez e amamentação. Promovendo a estruturação doméstica à volta de um núcleo formado por pais, irmãos e filhos, a patrilocalidade favorece a cooperação militar entre homens que cresceram juntos, e evita que pais e filhos se possam defrontar por pertencerem a aldeias diferentes (Divale e Harris 1976).



## 9. Causas da Matrilocalidade

Para que exista um grupo de filiação matrilinear é preciso existir matrilocalidade (por vezes avunculato substitui a matrilocalidade).

Mas então qual a razão da matrilocalidade? Existe uma teoria sustentada pelo facto do papel da mulher na produção de alimentos aumentar de importância nas sociedades que vivem da horticultura. E, assim sendo, os grupos domésticos estruturam-se em torno das mulheres.

Porém, estatisticamente não existe uma correlação mais forte entre horticultura e matrilocalidade, do que entre horticultura e patrilocalidade (Ember, Ember 1971; Divale 1974). Além disso, é difícil compreender porque seria necessário um grau de cooperação tão elevado em tarefas hortícolas, que impedisse mulheres vindas de grupos domésticos diferentes de trabalharem em conjunto, e que obrigasse os homens a abandonar o seu grupo doméstico. (cf. Burton et al. 1977; White 1977; Sanday 1973).

Então, se as causas da matrilocalidade não podem ser encontradas na exigência de uma organização doméstica centrada nas mulheres, elas devem ser procuradas nas modificações provavelmente ocorridas na organização do núcleo doméstico masculino. Por exemplo, quando a guerra, a caça e as trocas de bens passam da curta distância para expedições de longo curso (de vários meses), a matrilocalidade torna-se uma forma de organização doméstica mais adaptada do que a patrilocalidade. Numa situação de patrilocalidade, os homens ao abandonarem a aldeia, para desenvolverem as suas actividades, deixam atrás de si um conjunto de mulheres oriundas de diferentes unidades domésticas e ligadas a grupos diferentes de parentesco. Isso dá-lhes uma escassa base para desenvolverem trabalho cooperativo na ausência do grupo masculino (aquele que constitui o núcleo solidário).

A matrilocalidade representa uma solução para este tipo de problema, centrando a organização do núcleo doméstico em torno das mulheres (o grupo que permanece em «casa»). Mães, filhas e irmãs são treinadas conjuntamente desde pequenas no desempenho das tarefas, estando desse modo a «gestão» da unidade doméstica identificada com os seus interesses materiais e sentimentais. Ao mesmo tempo, os homens enculturados em unidades domésticas matrilocais sentem-se menos constrangidos ao abandonar a aldeia, e aguentam mais facilmente ausências prolongadas.

A capacidade para empreender expedições de longo curso implica que aldeias vizinhas não se ataquem mutuamente quando a maior parte dos seus homens estão ausentes. Isso pode ser assegurado se o grupo expedicionário for formado por um conjunto de homens oriundos de aldeias vizinhas diferentes, ou de diferentes unidades domésticas dentro da mesma aldeia. Nas aldeias patrilocais-pratilineares, os grupos beligerantes são constituídos por parentes com interesses competitivos. Estes grupos de homens estabelecem alianças instáveis entre aldeias vizinhas, trocando as suas irmãs, mas assaltam-se mutuamente em raides furtivos.

Os grupos matrilocais-matrilineares, ao contrário dos anteriores, não estão ligados entre si pela troca de mulheres, mas sim, pela associação de homens vindos de grupos domésticos diferentes. Isso evita a formação de grupos de interesses de natureza fraternal, impedindo assim a ruptura provocada pelos atritos entre esse tipo de grupos (pais e irmãos encontram-se espalhados por diferentes unidades domésticas).

Deste modo, as sociedades matrilocais-matrilineares (p.e. os Iroqueses de Nova Iorque e os Huron do Ontário) gozam de um elevado grau de paz interna. Apesar disso, este tipo de

sociedades possui uma história de intensas guerras movidas contra poderosos inimigos externos (Gamby 1977; Trigger 1978).

Uma razão adicional para a supressão das hostilidades internas entre os grupos matrilocais é o facto da matrilocalidade ser incompatível com a poligenia. Os homens enquadrados num sistema matrilocal não têm interesse em casar várias irmãs suas com apenas um homem, assim como eles próprios não beneficiariam por terem várias mulheres. Deste modo, os conflitos por causa das mulheres, uma das principais razões da guerra entre aldeias, tornam-se reduzidos.

Finalmente, resta explicar o que levou à passagem para um sistema de trocas baseado nas expedições de longo curso numas sociedades, enquanto noutras permanecem as trocas de curta distância. Muito provavelmente foi o aumento de pressão demográfica e o esgotamento dos recursos locais.

#### 10. *Causas da Avuncolocalidade*

Nas sociedades matrilocais-matrilineares os homens mostram-se relutantes em abdicar do controlo sobre os seus filhos, em favor do grupo de parentesco de suas mulheres. E também não lhes agrada o facto dos seus filhos, em vez das suas filhas, terem de deslocar-se para outra unidade doméstica a quando do casamento. Daí que sociedades matrilocais-matrilineares tendam a evoluir para patrilocais-patrilineares, logo que as condições que motivam as expedições de longo curso desapareçam.

Uma forma de ultrapassar as contradições do período de transição é afrouxar as obrigações maritais do homem, ao ponto de ele nem sequer necessitar viver com a mulher. É o caso dos Nayar, da Índia, em que o homem não possui residência em comum com a mulher, ficando ligado à sua unidade doméstica de nascimento. Assim, o controlo familiar é exercido pelos tios em relação aos sobrinhos (os homens em vez de controlarem os seus próprios filhos, controlam os das suas irmãs).

Contudo, a solução mais comum para reduzir as tensões entre os grupos de interesses masculinos é a residência avuncolocal. De facto, a maior parte das sociedades matrilineares possuem o avuncolato e não a matrilocalidade.

O núcleo de uma unidade doméstica avuncolocal é constituído pelo tio e sobrinhos. Cada homem exerce controlo sobre os filhos das suas irmãs. A função deste tipo de estruturação doméstica é a reintegração dos interesses fraternais do grupo masculino, apesar da descendência ser matrilinear.

Assim, a avuncolocalidade ocorre tão frequentemente porque permite aos homens continuarem a dominar as actividades em grupos cuja descendência é matrilinear. Esta interpretação está de acordo com o facto de nunca se ter encontrado uma sociedade *amitalocal* (residência do *ego* junto da tia paterna), em que o núcleo residencial fosse formado pela tia e sobrinhas. O que significa as mulheres nunca terem conseguido controlar grupos de parentesco patrilineares com a mesma facilidade com que os homens controlam os matrilineares.

Uma estreita linha separa a avuncolocalidade da patrilocalidade. A partir do momento em que os pais conseguem reter os filhos sob o seu controlo (em vez destes irem residir junto do seu tio materno), começamos a ter uma situação de ambilocalidade (alguns filhos permanecem

após o casamento com os pais, enquanto outros vão para junto do tio materno) que se transformará em patrilocalidade, a partir do momento em que os interesses dos pais se consigam sobrepor aos dos tios maternos. Da patrilocalidade advirá a parilinearidade.

Os casos em que a filiação é patrilinear e a residência matrilocal, e aqueles em que a filiação é matrilinear e a residência patrilocal, devem-se ao facto do *feedback* positivo entre o modo de residência e o de descendência não ser imediato. O que explica os poucos casos estatisticamente existentes.

## 11. As Terminologias de Parentesco

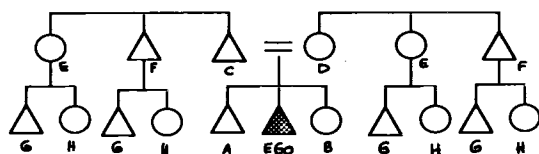
Uma terminologia de parentesco é composta por termos e regras, com as quais os parentes se designam entre si. Ao estudar as terminologias, o antropólogo deve evitar traduzir os termos empregues pelo nativo pelos da sua própria terminologia (p.e. tio, tia, avó, etc.). Não deve, assim, cair-se no uso de uma linguagem etnocêntrica (Harris 1980).

Lewis Henry Morgan foi o primeiro antropólogo a constatar que, apesar de existirem milhares de linguagens diferentes, o parentesco apenas apresentava «meia dúzia» de sistemas terminológicos básicos, surgindo todas as variações a partir daí.

O sistema de parentesco representa as designações que um conjunto de pessoas relacionadas geneticamente e por afinidade, abrangendo várias gerações, adoptam umas em relação às outras.

Os sistemas base são o Esquimó, Havaiano, Iroquês, Sudanês, Crow e o Omaha.

### 11.1. O sistema Esquimó



As suas características mais importantes são as seguintes:

a) nenhum dos termos aplicados aos parentes nucleares do *ego* é extensível para fora da família nuclear; b) não é feita distinção entre o lado materno e o paterno, e não há diferença entre primos cruzados e paralelos, assim como entre «tios(as)» cruzados(as) e paralelos(as).

Em termos de organização e estrutura sociais, isso significa que nas sociedades onde existe uma *terminologia esquimó* não existem, geralmente, grupos de filiação com carácter corporativo. Assim, é a família nuclear que assume o papel central na estruturação dessas sociedades, tornando-se através da terminologia de parentesco uma unidade demarcada do resto da rede de relações parentais. Por outro lado, a fusão de todos os primos sob uma única designação (v. Fig.) reflecte a maior importância da descendência bilinear face à unilinear. A influência da descendência bilinear mostra-se também pela ausência de distinção entre «tios(as)» de cada uma dos lados (materno e paterno) (v. Fig.).

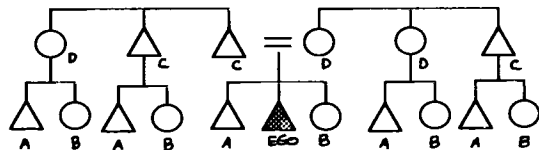
Qualquer facto que contribua para o isolamento da família nuclear aumenta a probabilidade de acontecer uma terminologia de tipo esquimó. É o caso de algumas sociedades

de caçadores-recolectores, em que as flutuações ecológicas obrigam a uma grande mobilidade geográfica e à manutenção de uma densidade demográfica baixa.

Nas sociedades urbano-industriais este tipo de sistema reflecte a existência do Estado e de instituições de mercado que se introduzem na organização doméstica familiar; e também a grande mobilidade geográfica introduzida pela existência de um mercado de trabalho assalariado.

Segundo Murdock (1967) em 54 das 71 sociedades com *terminologia esquimó* não existem grupos de descendência, mas apenas *parentelas* (Kindreds).

### 11.2. O sistema Havaiano

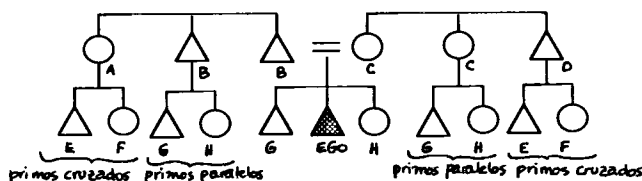


Trata-se do mais simples sistema de parentesco (quanto à sua representação gráfica, claro está!), pois é o que possui menor número de termos (v. Fig.). Algumas das suas versões não distinguem sequer o sexo dos parentes.

A mais notável característica deste sistema é a extensibilidade dos termos empregues pelo *ego*, dentro da família nuclear, aos restantes. O que significa a fusão da família nuclear em grupos corporativos mais extensos — uma família extensa, por exemplo. Cerca de 21% das sociedades com terminologia havaiana possuem largas famílias extensas; e mais de 50% possuem qualquer outro tipo de grupos de filiação que não famílias extensas (Murdock 1967).

Embora teoricamente esses grupos de filiação devam ser cognáticos (pois não existe distinção entre o lado materno e paterno), a amostra deste tipo de sociedades, colhida por Murdock (ibid.), não sustenta totalmente esse modelo, pois existem também grupos unilineares. Essa mistura de formas de filiação não está pacificamente explicada na teoria antropológica.

### 11.3. O sistema Iroquês

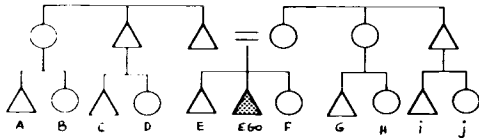


Pode dizer-se que estamos perante uma terminologia iroquesa quando estão reunidas as seguintes condições: a) existe distinção entre primos paralelos e primos cruzados, e entre «tios(as)» paralelos(as) e «tios(as)» cruzados(as) (o irmão do pai de *ego* toma a mesma designação que o pai, e a irmã da mãe de *ego* toma a mesma designação que a mãe, assim como os primos paralelos de *ego* tomam a mesma designação que os irmãos) (v. Fig.); b) distinguem-se os(as) «tios(as)», tanto cruzados como paralelos, do lado materno dos (as) do lado paterno.

Este tipo de fusão bifurcada (bifurcate-merging) ocorre como resultado da pertença comum dos irmãos (siblings) a um grupo de filiação unilinear, e também das alianças contraídas, através do casamento entre primos cruzados e entre os diversos grupos de filiação unilinear.

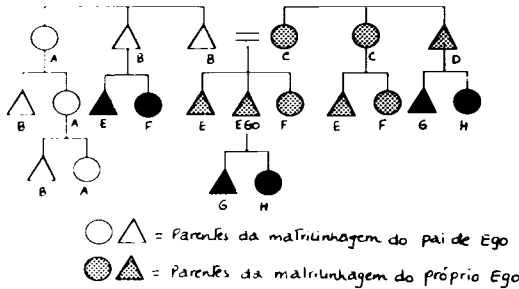
Em 166 sociedades possuidoras de terminologia iroquesa, 119 (71,6%) possuem uma qualquer forma de filiação unilinear (Murdock 1967).

#### 11.4. O sistema Sudanês



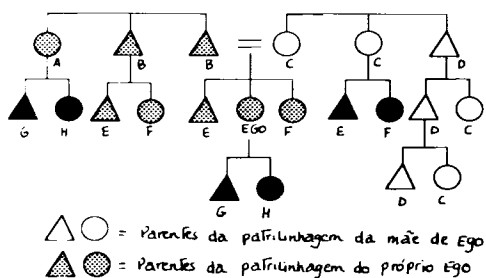
Trata-se de um sistema cuja principal característica é distinção individual que é feita entre os primos (cada um tem um termo específico V. Fig.).

#### 11.5. O sistema Crow



Neste sistema o princípio da linearidade submerge o da geração (indivíduos de gerações diferentes podem ser designados pelo mesmo termo de parentesco). Trata-se de um sistema matrilinear em que os parentes da matrilinearidade do pai do ego são designados por apenas dois termos (um para cada sexo), independentemente da geração, e todos os filhos dos homens da matrilinearidade do ego são também designados por apenas dois termos (um para cada sexo) (v. Fig.). A distinção entre primos cruzados e paralelos faz-se do mesmo modo que no sistema iroquês.

#### 11.6. O sistema Omaha



Trata-se de um sistema semelhante ao anterior, mas em que a regra de filiação é patrilinear. Enquanto no sistema Crow o grupo de filiação é a matrilinearidade do pai do ego, no sistema Omaha o grupo de filiação é a patrilinearidade da mãe do ego (v. Fig.).

Qualquer um destes dois sistemas tem servido de quebra-cabeças aos antropólogos, e muitos dos detalhes relativos a certas terminologias de parentesco permanecem por explicar. Mas sabe-se hoje que, ao contrário do que pensavam os evolucionistas do séc. XIX, a complexidade dos sistemas de parentesco não resulta do génio inventivo dos nativos, mas sim de um processo de adaptação da organização social a determinadas condições técnico-ambientais.

#### BIBLIOGRAFIA

- BURTON, MICHAEL; LILYAN BRUDNER E DOUGLAS WHITE,  
1977 «A model of the Sexual Division of Labor». *American Ethnologist* 4 (2): 227-251.
- CRAIG, DANIEL,  
1979 «Immortality Through Kinship: The Virtual Transmission of Substance and Symbolic Estate». *American Anthropologist* 81: 94-96.
- DIVALE, WILLIAM,  
1974 «Migration, External Warfare, and Matrilocal Residence». *Behavior Science Research* 9:75-133.
- EMBER, CAROL; M. EMBER e B. PASTERNAK,  
1974 «On the Development of Unilineal Descent». *Journal of Anthropological Research* 30:69-94.
- EMBER, MELVIN E CAROL R. EMBER,  
1971 «The Conditions Favoring Matrilocal Versus Patrilocal Residence». *American Anthropologist* 73:571-594.
- FORTES, MEYER,  
1969 *Kinship and the Social Order: The Legacy of Lewis Henry Morgan*. Chicago: Aldine.
- GRAMBY, RICHARD,  
1977 «Deerskins and Hunting Territories Competition for a Scarce Resource of the Northeastern Woodlands.» *American Antiquity* 42:601-605.
- HARNER, MICHAEL J.,  
1970 «Population Pressure and the Social Evolution of Agriculturalists». *Southwestern Journal of Anthropology* 26:67-86.
- HARRIS, MARVIN,  
1968 *The Rise of Anthropological Theory*. New York: Crowell.  
1980 *Culture, People, Nature: An Introduction to General Anthropology*, 3.<sup>a</sup> ed. New York: Harper and Row.
- MURDOCK, GEORGE PETER,  
1949 *Social Structure*. New York: Macmillan.  
1967 *Ethnographic Atlas*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- NAROLL, RAUL,  
1973 «Introduction» to *Main Currents in Anthropology*, R. Naroll and F. Naroll, eds., pp. 1-23. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- NEVILLE, GWEN,  
1979 «Community Form and Cerimonial Life in There Regions of Scotland». *American Ethnologist* 6:93-109.
- SANDAY, PEGGY,  
1973 «Toward a Theory of the Status of Women». *American Anthropologist* 75:1682-1700.
- SCHEFFLER, HAROLD,  
1973 «Kinship, Descent and Alliance. «In *Handbook of Social and Cultural Anthropology*, J. Honigman, ed., pp. 747-793. Chicago: Rand MacNally.
- TRIGGER, BRUCE,  
1978 «Iroquois Matriliney». *Pennsylvania Archaeologist* 48:55-65.
- WHITE, DOUGLAS; et. al.,  
1977 «Entailment Theory and Method: A Cross-Cultural Analysis of the Sexual Division of Labor». In *Environment and Cultural Behavior: Ecological Studies in Cultural Anthropology*, A P. Vayda, ed., pp. 416-455. Garden City, N. Y.: Natural History Press.